

O SIGNIFICADO DA EXPERIÊNCIA DE ANÁLISE DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNS) PELO GRUPO DE TRABALHOS AMPLIADOS (GTA)

*Clarice Fonseca Maurer, Clésio A. Antônio, Clóvis Teichmann,
Cristiane Antunes Dias de Oliveira, Danilo Ledra, Giovani de Lorenzi
Pires, Maristela da Silva Souza, Paula Virginia M. D'Almeida,
Paulo Ricardo do Canto Capela, Rogério Goulart da Silva,
Vera Lúcia Amaral Torres, Vidalcir Ortigara**

RESUMO

Este relato tem por objetivo socializar, com os demais colegas da área, o processo tanto de produção da análise dos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais - quanto da constituição/consolidação de um grupo de estudos em Educação Física/Educação, denominado GTA - Grupo de Trabalhos Ampliado de Educação Física.

ABSTRACT

This report has as its goal to share with all the area colleagues the process of production and analysis of the PCNs - National Curriculum Parameters - as well as the process of constitution/consolidation of a study team in Physical Education called GTA - Extended Work Team in Physical Education.

Introdução



Este relato tem por objetivo socializar, com os demais colegas da área, o processo tanto de produção da análise dos PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais - quanto da constituição/consolidação de um grupo de estudos em Educação/Educação Física, denominado GTA - Grupo de Trabalhos Ampliados em Educação Física.

Essa experiência de estudo e trabalho acadêmico tem a pretensão de expressar a trajetória de profissionais da Educação/Educação Física que, partindo de seus múltiplos e diversos olhares, reúnem-se para estudar/intervir sobre o contexto da escola pública.

A nosso ver, nesse momento, torna-se oportuno a socialização dessas formas de experiências com os demais colegas educadores, para estimulá-los a que também construam outras formas de intervenção/interlocução dos agentes da escola/sociedade com os agentes universitários.

Assim, esse é o relato do processo de uma experiência que, mesmo devendo ser historicamente datada e contextualizada, serve para mostrar uma forma de contraponto às tradicionais e restritas possibilidades que vem sendo apontadas pelas políticas governamentais tradicionais, tanto no que diz respeito à formação/qualificação dos professores da escola pública e universidade, quanto

de inclusão e valorização nesses processos dos demais agentes dessas instituições (alunos, pais, funcionários, etc...).

Um Pouco da História de Construção do GTA

O GTA é constituído por professores de Educação Física da rede pública, professores do NEPEF¹, professores mestrands e outros interessados em discutir e intervir nas questões da Educação/Educação Física da escola pública de maneira crítica. O GTA reúne-se semanalmente às sextas-feiras das 18:30 às 21:30 em sala do CDS/UFSC², sendo um grupo de estudos autônomo formado em março de 1997 pela iniciativa de professores de Educação Física da Rede Pública Municipal de Florianópolis que desejavam dar continuidade às discussões e parcerias estabelecidas entre professores e acadêmicos vinculados ao NEPEF/UFSC. Essa parceria nasceu durante a gestão da Frente Popular, que ganha o governo do município de Florianópolis nas eleições de 1992.³ Durante essa administração é possível estabelecer elos de ligação diferentes do que tradicionalmente vinham sendo estabelecidos entre universidade e escola.

Nessa ocasião, encontrou-se eco no que se constitui um dos eixos centrais das propostas administrativas das esquerdas no comando da *coisa pública*: inverter prioridades. Sendo assim, inverter ou ressignificar as ações do estado passou a ser a tônica também da relação de parceria/acessoria mantida entre a escola e os professores e acadêmicos do NEPEF/UFSC.

A partir de um entendimento diferenciado do que vinha sendo a tradicional interlocução/formação de professores da escola, mudou-se a forma de encaminhar os processos de formação de professores.

Não se pensa, de ambas as partes - SME- Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis e professores do NEPEF/UFSC (universidade)-, em apenas fazer formação como costumeiramente é entendida, ou seja, ações realizadas por professores universitários sobre os professores da escola *formando-os*. Isso seria como admitir que os professores da escola/SMF⁴ nada tinham a dizer, apenas seriam formados.

Subvertendo esta lógica, colocamos, professores e acadêmicos do NEPEF/UFSC e professores da SME, como parceiros/companheiros para uma caminhada de *formação profissional continuada mútua*. Tanto os professores da escola/RMF quanto os professores e acadêmicos do NEPEF/UFSC estariam em um processo de formação profissional continuada mútua.

Em síntese, entendia-se que essas ações não poderiam ser vias de mão única daqueles que sabem - os professores e acadêmicos universitários - na direção dos que nada sabem - os professores e técnicos da escola. Entendia-se/entende-se que se deve buscar outro tipo de interlocução para as relações de ensino/formação, pesquisa e práticas extensionistas universitárias a constituírem-se entre universidade e escola, estas apontando na direção da construção de uma via de mão dupla para esse processo, como costumávamos dizer.

Deste entendimento/parceria foi possível construir, ao longo de quatro anos⁵, uma extensa gama de atividades: reuniões temáticas e pedagógicas, consultorias, publicação de artigos, projetos, um livro contendo as diretrizes para a Educação Física no ensino fundamental e na educação infantil, visitas, pesquisas, análises e discussões sobre e no cotidiano das escolas públicas municipais de Florianópolis, alguns trabalhos monográficos de acadêmicos vinculados ao NEPEF/UFSC que, como tarefa de conclusão de seus estudos/cursos de graduação e especialização, tomaram como problema temáticas advindas desta parceria, além de ter sido tema de projetos de pesquisa para professores de Educação Física da escola/RMF ingressarem em programas de mestrado. Soma-se a isso tudo um vasto número de apresentações/socialização dessa experiência de parceria em encontros científicos e escolas públicas.

A Perda do Governo Municipal, porém não a perda da Hegemonia Cultural de Construção de um Projeto Popular por Alguns Professores da RMF: a formação do GTA

Convém aqui resgatar, mesmo que de forma rápida, o que representou o processo eleitoral de 1996, quando Florianópolis passa a ser novamente governado por partidos de direita, com idéias e governantes reacionários.

Nessa eleição sai vitoriosa para prefeita de Florianópolis a deputada Federal Ângela Amim, apoiada por uma aliança de partidos de extrema direita, que vence o confronto em um segundo turno com o candidato representante da continuidade do governo da Frente Popular até então governando Florianópolis.

Desse confronto político/eleitoral convém ressaltar a estratégia propagandista que embasou a campanha, merecendo destaque dois momentos da que foi vitoriosa. Primeiro, *orequentamento* das propostas de Celso Pitta, então candidato de seu partido⁶ à prefeitura da cidade de São Paulo, que através dessa estratégia e de maciça campanha de marketing, propunha-se a seduzir as camadas menos esclarecidas de Florianópolis com o discurso demagógico de que resolveria o problema de habitação, transporte e saúde do município. Segundo, a poucos dias da votação em segundo turno, vendo-se coagida pela possibilidade eminente que se configurava de empate técnico com tendência de ascensão e vitória do candidato da Frente Popular, Angela Amim lança mão, de forma irresponsável, de um discurso de xenofobia para com os gaúchos moradores de Florianópolis. Conclama os *verdadeiros moradores de Florianópolis* a votarem não em suas propostas, mas a não votarem no candidato da Frente Popular, pois isso causaria uma invasão indesejada de gaúchos à ilha de Florianópolis e, se isso ocorresse, seria o fim tanto da ilha quanto de seus valores culturais.

Esses dois lances de seu discurso panfletário de campanha, somados a

alianças *populistas* com líderes comunitários tidos como *coronéis* em alguns redutos eleitorais menos politizados de Florianópolis, isso tudo regado a muito dinheiro utilizado para a compra e barganha de votos, assegura-lhe a vitória, mesmo que por pequena margem de votos. Sua vitória configura-se pela volta ao cenário público municipal de Florianópolis da política *de vizinhos*, de *comadres*, de *parentescos*, de alianças e contratos assinados a portas fechadas, em que os *bons argumentos coletivos e públicos* são substituídos pelas tomadas de decisão sobre o que é público às escondidas, nos gabinetes. Aí, não raras vezes, os interesses públicos são negligenciados ou confundidos/trocados pelos privados. Enfim, tudo o que diz respeito a vida pública é resolvido nos bastidores sob o pseudo-argumento da eficiência.

É sob as cortinas da intransparência do discurso da eficiência, gerada nos gabinetes de seus *acessores/secretários* e difundida por discursos publicitários que anunciam sempre mais ao público, ou o que não se efetivará como o prometido, que perdeu-se a dimensão de continuidade dos laços institucionais de parceria que vinham sendo mantidos entre professores de Educação Física da RMF e os acadêmicos e professores do NEPEF/UFSC. Essa quebra de continuidade de vínculos institucionais perdurará enquanto persistir neste governo este tipo de atitude política não emancipatória, não condizente com projetos políticos realmente populares e democráticos.

Nesse sentido, apesar do desmanche das estruturas populares de democratização das decisões a serem tomadas

sobre a vida da escola pela comunidade, bem como da desestruturação do programa de formação dos educadores da escola, ambos projetos implantados no governo da Frente Popular, essas medidas não foram capazes de impedir que alguns professores e comunidades permanecessem firmes em seus propósitos de continuar fazendo avançar um projeto popular de educação.

Essa é a conjuntura que se apresenta em 1997 para a administração pública do município/SME. Resta a alguns professores/educadores dessa rede pública darem consequência aos ensinamentos elaborados pelo pensador italiano Antônio Gramsci. Ele afirma que para ser governante não basta tomar o poder, mas também ter o domínio sobre a hegemonia cultural, essa uma tarefa difícil de ser conseguida quando em setores populares da sociedade encontram-se semeadas/plantadas ou mesmo já consolidadas idéias de outros projetos de sociedade que não esse que descrevemos acima.

A riqueza do processo estabelecido entre os professores e acadêmicos do NEPEF/UFSC e alguns professores de Educação Física da escola/RMF faz com que, apesar de rompida a possibilidade institucional de continuação dessa parceria de *formação profissional continuada mútua* iniciada no governo da Frente popular, alguns professores de Educação Física da RMF decidiram, para além dos governantes no poder, prosseguirem mantendo essa parceria com professores e acadêmicos do NEPEF/UFSC, ampliando-a a outras tantas pessoas que tivessem como interesse discutir, intervir e estudar de forma crítica, o cotidiano

das escolas públicas. Constituiu-se, assim, o GTA - Grupo de Trabalhos Ampliado em Educação Física.

O processo de formação dos princípios de trabalho desse grupo e a trajetória de formulação de suas ações serviram de base para a elaboração da análise crítica dos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais - e seus desdobramentos na configuração do GTA, que passaremos a descrever.

O Primeiro Passo, o Começo de Tudo: ouvindo os interesses dos participantes do grupo

Já existem pesquisas feitas, até mesmo partindo de formas tradicionais e conservadoras de administrar recursos humanos para o capital, que apontam como não sendo a questão salarial o fator de maior importância para a motivação das pessoas em engajarem-se na realização, com êxito, de tarefas a serem desenvolvidas /construídas coletivamente. Para surpresa de muitos que pensam que dinheiro é tudo, o fator salário aparece apenas como o terceiro elemento importante, sendo precedido em uma escala decrescente de valores pelos fatores:

- primeiro: ver contemplado seus pontos de vista quando da realização das tarefas do grupo;
- segundo: conhecer, poder intervir e construir os objetivos para as ações do grupo.

Nesta mesma direção de constatação, porém, com teor político existencial absolutamente diferente, Paulo Freire,

Gramsci e tantos outros pensadores que idealizam um mundo diferente, com outras relações a serem estabelecidas entre as pessoas, mostram-nos a inexorável necessidade e importância de considerar-se, valorizar-se e partir dos interesses existenciais dos agentes sociais para a realização/efetivação de projetos coletivos, sob pena de já nascerem fadados ao insucesso, por mais brilhantes, nobres e relevantes que sejam seus objetivos.

A partir das falas dos participantes da primeira reunião do GTA, foram definidos/construídos coletivamente quatro eixos ou princípios que adotariamos para a elaboração dos trabalhos, intervenções e reuniões de estudos ao longo do ano de 1997, bem como nossa primeira tarefa: a elaboração de um parecer crítico sobre os PCNs, que teria como destinatários os professores da escola.

São esses os princípios que aprovamos para o GTA:

- 1º) realização de estudos para qualificar as intervenções no cotidiano das escolas públicas. Porém, somente recorreríamos à leitura de textos complementares, que dessem embasamento/sustentação às análises que teríamos de fazer, à medida que, entre os componentes do grupo, entendêssemos não haver consistência argumentativa suficiente para transcendermos os entendimentos sobre os temas postos em nossos debates. Não era pretensão do grupo fazer estudos ou discursos *teóricos* para a *academia*. Não faríamos estudos para *ilustrar a cabeça*. Estudariamos e estudamos quando sentimos necessidade de compreender melhor as problemáticas colocadas
- 2º) o cotidiano escolar como referência para nossas análises. Estabelecemos que discutiríamos metodologias para o enfrentamento do cotidiano. Poderíamos começar planejando nossas próprias aulas da escola no decorrer de cada semestre, realizando um exercício de troca de idéias e exemplos de técnicas que utilizamos. Faríamos sessões de relato de experiências *práticas* com exemplos para apresentar e ser discutido com outros companheiros da escola. Não agiríamos como costumeiramente fazem técnicos consultores contratados para tarefas de intervir sobre o cotidiano e os agentes da escola, os quais portam-se como pessoas *iluminadas* que, ainda hoje, no vazio de seus gabinetes ou no *vácuo idealista* do que pensam ou gostariam que fosse a Educação Física Escolar, escrevem sobre realidades que não conhecem, que imaginam, idealizam e, assim, produzem belos documentos, mas que não efetivam-se como mudanças no dia-a-dia da escola;
- 3º) organizaríamos-nos com os profissionais de outras áreas de conhecimento das escolas da RMF comprometidos com a proposta educacional democrática que vinha sendo desenvolvida pelo governo da Frente Popular, a fim de articular um movimento de resistência e, assim, intervir/apon-tar as contradições das propostas de cunho anti-popular que vem sendo implementadas pela atual administra-

ção, desnudando-as aos demais colegas da escola, bem como às comunidades de Florianópolis;

- 4º) disseminar, junto às comunidades de Florianópolis, nosso trabalho, mostrando-lhes qual a proposta política que defendemos, para que não confundam-na com as da atual administração.

A Construção de uma Identidade Coletiva Mínima para a Análise Crítica dos PCNs: a experiência da construção de diretrizes curriculares para a educação física no ensino fundamental e na educação infantil da rede municipal de Florianópolis-SC como referência

Tendo o grupo definido os princípios e qual seria a primeira tarefa de estudo/trabalho e o cronograma para sua realização, passamos a discutir quais seriam os critérios para a execução dessa tarefa e qual seria a referência que adotaríamos para analisarmos os PCNs. Imediatamente a esse questionamento começamos a construção do entendimento coletivo para a tarefa que estávamos nos propondo fazer: *uma crítica a um documento que explicita um plano político-educacional de estado.*

O primeiro entendimento que precisaríamos ter claro entre os componentes do grupo seria o teor do termo crítica. Não poderíamos conceituá-lo ou confundí-lo com seu entendimento no *senso comum*, como negação completa. Teríamos que avançar desse *ranço do senso comum*. Nesse sentido, crítica, para a tarefa a ser executada, passou a ser entendida pelo grupo como a dimensão de resgate do que era posto como eixo do movimento iluminista, ou seja, que o conhecimento racional capaz de esclarecer os fatos da vida não poderia, nesse processo de esclarecimento, esvaziar-se de seu poder de crítica (revisão), tanto dos fatos como de si mesmo. Portanto criticar, no âmbito do GTA, significaria para nós, para a tarefa de análise dos PCNs, tomar esse documento como uma *provocação* e, a partir disso, avançarmos, tanto no que estava sendo proposto pelo documento quanto no que já havíamos sistematizado sobre os temas em foco de nossos estudos. Nesse momento, então, por uma completa incapacidade de *estar no mundo de forma neutra* (Freire, 1994), também definimo-nos politicamente pelo referencial do qual olharíamos para o documento dos PCNs para criticá-lo. Nossa *âncora*, referência de onde estaríamos nos colocado para exercitarmos a crítica acadêmica aos PCNs, seria a experiência de construção coletiva das Diretrizes Curriculares Para a Educação Física no Ensino Fundamental e na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis-SC⁷, elaboradas durante o governo da Frente Popular (1993-1996).

Essa escolha apontava para a coerência política que pretendíamos ter para nossas análises. Esse documento da administração popular de Florianópolis apontava claramente eixos para um pro-

jeto de escola/Educação Física a ser construído na perspectiva dos freqüentadores da escola pública, comunidade e trabalhadores. Apontava, ainda, outros tantos conceitos que nos possibilitariam um ótimo contraponto inicial para nossa tarefa, ou seja:

- uma política de formação continuada para os professores da escola, cujas temáticas dos encontros de formação eram construídos a partir do cotidiano escolar;
- uma concepção de currículo enquanto ação humana dos agentes da escola;
- os conteúdos do ato de ensinar/aprender como uma seleção/escolha intencional, fruto dos interesses, tanto da sociedade quanto da administração popular e seus professores, sendo esses conteúdos dialogicamente definidos.

Definia, ainda, a democracia, a solidariedade, o acesso e permanência juntamente com uma educação de qualidade como um direito dos cidadãos e dever do estado. Em síntese, essa proposta não exercitava a *metafísica de elocubrar* sobre uma realidade escolar inexistente; ao contrário, apontava e construía conceitos advindos do *olhar epistemológico não desarmado*⁸ de seus agentes sobre o cotidiano escolar.

Os Estudos do Grupo como Necessidade para a Realização da Tarefa de Análise dos PCNs

A cada reunião que realizávamos, na medida em que avançávamos sobre a

tarefa de análise dos PCNs, selecionando, entre os tantos possíveis caminhos apontados pelos integrantes do GTA, os que iríamos seguir na definição dos temas de análise, surgia, na mesma proporção, a necessidade de fazermos estudos para respondermos com *mais convicção epistemológica* às temáticas com as quais nos confrontávamos e para as quais não detínhamos, ainda, respostas/ argumentos consistentes/convincentes. Optamos pela realização de seminários de estudo sobre essas temáticas. Definíamos as temáticas e elegíamos, entre os componentes do grupo, aqueles que seriam os encarregados em prepará-las e apresentá-las ao GTA.

Conforme avançávamos, os temas iam surgindo. O primeiro seminário de estudos temático foi sobre o processo e o produto de elaboração das Diretrizes Curriculares para a Educação Física no Ensino Fundamental e na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis/SC, para que os professores do GTA que não conheciam ou não haviam participado desse processo pudessem perceber/conhecer quais os principais eixos dessa proposta, para que *construíssemos uma identidade mínima de grupo com respeito à referência inicial, de política educacional pública, para confrontarmos ao que estava/está sendo proposto nos PCNs*. O segundo tema eleito para nossos seminários foi concepções de currículo. Esse tema também surgiu da necessidade que sentimos de construirmos maior consistência sobre as concepções de currículo, haja vista, nesse momento de nossas análises, já termos algumas convicções de que o documento que estávamos analisando tratava-se de um *currículo nacional* e não como

anunciava seu título, apenas PCNs. Esses dois seminários iniciais revestiram-se de muita importância para o grupo, por serem considerados seminários que abordaram temas conceituais gerais, os quais tornariam-se fundamentais a todo grupo para a compreensão plena do documento que analisávamos.

A esses dois seminários iniciais, seguiram-se os demais, cujas temáticas foram definidas ao se concluir a primeira leitura dos textos dos PCNs. Essa segunda fase de tarefas de estudos e seminários já foi pensada/articulada tendo em vista a tarefa final de produzirmos o artigo crítico sobre os PCNs. Os temas eleitos para os seminários fariam parte de uma das sessões do artigo crítico que elaboraríamos. As temáticas eleitas pelo grupo para esses seminários surgiram da necessidade de ampliar alguns conceitos explicitados nos documentos dos PCNs. Esses entendimentos, a nosso ver, não correspondiam/refletiam os avanços de entendimentos e caminhos já percorridos pelas elaborações dos pensadores da Educação Física Escolar.

Dessa forma, foram definidas as temáticas e os sub-grupos do GTA que trabalhariam cada tema, devendo cada sub-grupo, além de responsabilizar-se pelo seminário, também produzir um texto crítico, fundamentando o conteúdo do entendimento sobre a temática apresentado nos PCNs. O título das temáticas de cada seminário, de certa forma, já expressava alguns dos eixos da análise crítica que começavam a ser percebidos no GTA.

As oito temáticas inicialmente propostas foram:

1 - *ciência* - Ciência e ecletismo x ciência emancipatória: construir um entendimento de ciência e, a partir dele, compor com o que está presente no documento;

2 - *abrindo os conceitos*: a partir de conceitos já tratados/entendidos na área, demonstrar a fragilidade com que são tratados/entendidos nos PCNs. (ex.: Educação Física higienista, co-educação, histórico da área, resolução de conflitos etc.);

3 - *ciclos X Etapas de desenvolvimento*;

4 - *esporte/educação física: adaptar x transformar/modificar* - a iniciação desportiva camuflada;

5 - *conceito de co-educação x aulas mistas*;

6 - *concepção de planejamento*;

7 - *concepção de saúde*;

8 - *educação infantil*.

As Principais Críticas do GTA aos PCNs

Como não é pretensão nesse relato apontar por completo o produto final de nosso artigo de análise dos PCNs⁹, partindo-se dos temas dos seminários de estudo que realizamos, pode-se rapidamente apontar as principais críticas/fragilidades que percebemos nesse documento de política educacional, as quais passamos a descrever:

- contrariamente ao processo vivenciado, de implantação de diretrizes curriculares de Educação Física na rede municipal de Florianópolis durante o governo de Frente Popular, os

documentos dos PCNs são elaborados por técnicos em gabinetes, sendo restrita as possibilidades de construí-los pelos agentes sociais;

- é um documento elaborado de cima para baixo, não nasce de um amplo debate com os trabalhadores em educação e seus legítimos fóruns representativos (sindicatos, órgãos científicos, Fórum em Defesa da Escola Pública, SBPC, etc...), sendo assim, a concepção política que legitima todo seu processo de elaboração em nada se identifica com um projeto político popular, ao contrário, desse se afasta ao acreditar que são os *tecnocratas de plantão*, em seus gabinetes, acessorados por outros tantos, se não tecnocratas, intelectuais ingênuos¹⁰ que, com seus pareceres, apenas legitimam esse processo;
- pela especificidade com que detalham conteúdos, métodos de ensinar/aprender, estratégias metodológicas e a avaliação, esse documento configura-se não como PCNs, mas como um currículo nacional mínimo;
- com relação a especificidade da área de conhecimento da Educação Física, percebemos a falta de rigor e a necessidade de um tratamento mais consistente para as temática/conceitos de ciência, história, ciclos de escolarização, transformações didáticas dos esportes para a escola, co-educação, conceito de saúde no âmbito da Educação Física Escolar (EFE), planejamento dos conteúdos das aulas de EFE e, finalmente, para a Educação Física na educação infantil e na educação especial.

Esses cixos de crítica apontados emergem dos estudos e análises dos membros do GTA.

A Fase Final da Elaboração da Análise Crítica dos PCNs, a Elaboração Final do Artigo: a difícil tarefa acadêmica do grupo em dizer não, a difícil tarefa dos componentes do grupo em aceitar o não, o limite da convivência frente aos conflitos

A democracia que eu sonho... é que um dia cada um na sua função, no seu papel possa exercer o poder; que cada função e cada papel tenha a mesma igualdade de direitos;... mas que isso se dê no enfrentamento das diferenças que cada exercício deste poder demanda.¹¹

Madalena Freire em complemento a sua argumentação, acima citada, ainda afirma que, *isso não significa que todos tem o mesmo direito de exercício deste poder dito substantivamente democrático.¹²*

Para a tarefa de construção de outras relações de poder no grupo não há como não estarmos enfrentando e pensando em nosso próprio autoritarismo. *Todos nós temos esse ranço, dele não tem quem se escape¹³.* Superar o autoritarismo próprio e do grupo ao lidar

com a construção de um grupo, talvez seja uma das tarefas construtivas mais difíceis de serem assumidas pelas lideranças desse processo, visto que fazer a reflexão sobre o autoritarismo próprio e do grupo, na perspectiva de superá-lo, não se dá *sem a coordenação de uma autoridade, sem que haja uma coordenação*¹⁴. Sem isso, corre-se um outro risco maior e mais perverso: *o democratismo e o espontaneísmo que não fazem o processo de construção de uma democracia substantiva*¹⁵.

A democracia substantiva só se dá quando enfrentamos a autoridade autoritária que todos temos, através da construção de um comportamento fruto de uma relação democrática, que só pode se dar ao haver coletivamente a explicitação dos conflitos, frente aos quais cada um dos elementos do grupo deve assumir os papéis que lhe cabem nesses conflitos, enfrentando e *brigando* com os diferentes e divergentes elementos do grupo envolvidos nos conflitos. *O processo de construção do processo de democracia substantiva começa, se dá, se constrói, se gesta e se resolve no grupo*¹⁶.

Com esse pensamento sobre a formação, os conflitos e as formas de resolvê-lo, iniciamos esse tópico do relato que tem como objetivo descrever alguns dos processos conflituosos criados pelas inabilidades em lidar com as diferenças, subjetividades, interesses individuais e o autoritarismo, presentes em todos os grupos. Essas diferenças se não forem devidamente equacionadas no projeto coletivo do grupo, são capazes de fazer ruir os mais promissores e sólidos projetos coletivos. Como o GTA não é um grupo que se construa diferen-

temente dos demais grupos, torna-se pertinente relatar/falar sobre alguns momentos de muita tensão, conflitos e distanciamentos, uns temporários outros definitivos, no GTA por conta da inabilidade em explicitarmos, tratarmos e conduzirmos paralelo ao processo de elaboração da análise crítica dos PCNs, o processo de construção do grupo.

A solidariedade para a realização de trabalhos coletivos só poderá nascer da explicitação dos conflitos que sempre estão presentes nos embates coletivos. Ao longo do processo de análise dos PCNs, houve vários momentos de duros confrontos de pontos de vista e poder entre os membros do grupo que só foram superados tempos depois, quando, após concluída a tarefa da produção do artigo pelo grupo, realizamos uma avaliação do processo de sua elaboração.

Nesse momento, entre os desconfortos das críticas, a falta de humildade em admitirmos o quanto utilizamos de estratégias de poder para fazer valer nossos pontos de vista, frente a isso pouco restou-nos, enquanto grupo, se não admitir termos dado mais importância à pragmática de construção do parecer crítico sob a forma de artigo para publicação em detrimento de construirmos com mais consistência e atenção as relações no GTA. A síntese da avaliação que realizamos pode ser expressa na fala de um dos membros do GTA: *Construímos um artigo e nesse processo perdeu-se a dimensão de também construir o grupo*, entre tantos questionamentos que fazia-mos uns aos outros com relação aos ausentes naquele momento da caminhada e que, *só agora, no momento final do processo, dáva-mos conta de suas ausências no GTA*.

As tentativas que fazíamos de justificar suas ausências ou os processos de fazer valer nossos pontos de vista ao longo das discussões não passavam de *fragilidades defensivas e retóricas discursivas*, sem o mínimo de legitimidade frente aos princípios que elegemos para mover nossas primeiras ações de articulação coletiva. Permitímo-nos, em certo momento de nossa trajetória de elaboração da análise dos PCNs, a aderência no grupo de interesses que não tinham identificação com os princípios de criação/constituição do mesmo e que moveram nossas primeiras ações coletivas.

Desse processo todo, merece relato a exclusão no texto final do artigo de análise dos PCNs, dos textos produzidos por colegas do GTA, não tanto pela pertinência de serem excluídos, mas pela inabilidade com que foi conduzido o processo ao longo dos seminários de discussão de textos que fariam parte da sessão *ampliando conceitos*. Hoje, somos capazes de perceber não termos sido, naquele momento, atentos e sensíveis às vozes silenciadas, bem como às que silenciámos com nossas estratégias de *poder autoritário*, de que nos valíamos muitas vezes ao longo do processo de fazer valer nossos pontos de vista sobre os demais.

Revedo essa trajetória, não hesitaríamos em afirmar ter nos faltado a percepção em admitir que nem sempre o ponto de vista da maioria é o melhor, algo sempre muito difícil de encaminhar em um grupo onde, não raras vezes, escorregamos para o artifício de construção de maiorias consensuais, através de afinidades afetivas/amigas com os membros do grupo mais do que por argumentos legítimos acordados previamente como diretrizes e princípios do grupo.

Assim, do texto final do artigo que publicaríamos - no tópico que trataríamos da ampliação de conceitos sobre os temas tratados, a nosso ver, de forma inconsistente no documento PCNs - excluímos os textos elaborados sobre os conceitos de ciência e saúde, sem que, ao longo do processo de discutí-los nos seminários, tenhamos nos posicionado apontando claramente suas fragilidades de elaboração teórica, o que só o fizemos em um momento já final, de forma inoportuna e muito mal conduzida, o que gerou muitos conflitos e turbulências entre os participantes do GTA.

Faltou-nos, ao longo de todo o processo, o exercício da difícil tarefa acadêmica de dizer não aliada à difícil tarefa de humildade acadêmica em aceitarmos como inconsistente temporalmente as elaborações e que o fato dos textos não terem sido incluídos não significa que não estivesse presente no artigo final as colaborações efetivadas ao longo de todo o processo de criação do parecer final. Esse impasse só foi superado, mais tarde, mediante uma dolorosa mas oportuna avaliação de todo o processo de elaboração da análise dos PCNs e definição de novas ações para o GTA.

Avaliando o Produto de Nosso Trabalho, Definindo Outro Andar e Novas Metas, Construindo Referência para Outros Grupos de Estudo

A avaliação realizada dos caminhos percorridos pelo GTA, mesmo que

nesse primeiro momento tendo muito de um teor finalista, aponta para muitos pontos positivos que vimos realizando dos quais destacamos alguns:

- termos conseguido construir coletivamente um texto crítico sobre os PCNs que, ao mesmo tempo que não os nega, aponta possibilidades de superação destes através da incorporação de elementos do cotidiano escolar;
- a realização de encontros e debates com colegas/professores de escolas públicas, acadêmicos da graduação em Educação Física da UFSC e sindicatos de educadores, alertando-os, esclarecendo-os sobre os impactos no cotidiano escolar que essa ação política governamental de construção de PCNs e outras tantas, implantadas por governos também anti-populares, trazem;
- elaboração de programa específico, na VIII Semana de Formação Docente da UFSC, para debate da LDB e PCNs.
- apresentação da análise crítica sobre o conceito de ciência presente nos PCNs durante o X CONBRACE;
- apresentação do parecer crítico dos PCNs no IV Seminário Paulista de Educação Física Escolar realizado na USP - Universidade de São Paulo;
- assumimos, articulados com o NEPEF/UFSC, o projeto de acessoria/formação dos professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Blumenau, hoje sendo governada por uma coligação de partidos populares;
- participação dos membros do GTA nos fóruns comunitários, realizados nas comunidades de Florianópolis, em que está sendo discutido a regulamentação do Sistema Municipal de Educação.

O que Estamos Fazendo? os três eixos de intervenção do GTA

Ao avaliarmos os trabalhos desenvolvidos pelo grupo durante o primeiro semestre, procuramos redefinir nossas ações sem, no entanto, mudarmos nosso objetivo principal de pensarmos a Educação Física sob o contexto escolar a partir do cotidiano. Desta forma, definimos como metas principais de ação do grupo o *estudo*, a elaboração de *informativo* e a organização de *encontros*.

A meta de *estudo* tem como principal objetivo qualificar de forma teórico/prática as nossas intervenções nos diversos contextos da Educação/Educação Física - destacando o Projeto Político-Pedagógico e a formação continuada - bem como de instrumentalizarmos nos para a re-elaboração das diretrizes estabelecidas na Rede Municipal de Florianópolis durante a gestão da Frente Popular e a acessoria à Rede Municipal de Blumenau.

Quanto à meta de *informativo*, vem da necessidade/compromisso que sentimos de socializarmos aos companheiros do cotidiano escolar as informações/conhecimentos que são discutidos/problematizados no grupo, que serão veiculados através de folders, publicação de artigos, etc.

O objetivo da meta *encontros* é estabelecer fóruns abertos de discussão sobre temas diretamente ligados ao cotidiano escolar, bem como propiciar um canal de troca de experiências.

Os Diferentes Olhares do Grupo: a fenomenologia dos embates, fruto de diferentes olhares profissionais sobre o cotidiano escolar

A descrição fenomenológica sobre as diferentes trajetórias profissionais dos componentes do GTA, referenciadas no cotidiano escolar, pode tornar-se um possível caminho para percebermos as diferenças de olhares produzidos e as resoluções que podem ser apontadas para a mediação dessas diferenças no GTA.

A referência para nossos encontros e críticas emerge diversa. Éramos/ somos várias *consciências* encontrando-nos para um diálogo crítico que se inicia balizado pelos documentos dos PCNs: professores das escolas municipais de Florianópolis, colocando-nos a realidade/diversidade do cotidiano de suas unidades escolares e professores universitários, com olhares já não tão realistas sobre o cotidiano escolar já que os muros, as rotinas universitárias, conjugando-se, tornam-se fios do tecido do qual é feita a *cortina viva* da cotidianidade universitária que, muitas vezes ofusca a visão, impedindo de se ter a mesma nitidez sobre o cotidiano escolar que se percebe na fala dos professores da escola. Mas o fato do cotidiano universitário prejudicar um tanto a capacidade de perceber as nuances desse cotidiano, a bem da verdade, deve ser dito que, não cega completamente. Esse

é um dado fundamental pois que, se não fosse assim, seria impossível o diálogo de ambas as *consciências* (professores da escola e universitários) sobre os projetos e temas educacionais - homem, mundo e sociedade - a serem delineados, tecidos nesse grupo.

Porém, se aos professores universitários faltava essa visão mais límpida sobre o cotidiano, contexto escolar, também é verdade que, por vezes, as elaborações mais refinadas pelo calejo universitário de muitas leituras e o distanciamento, por vezes necessário da realidade cotidiana escolar, proporcionava ao grupo vôos de transcendência sobre o já dado/determinado pelo cotidiano das escolas. Muitas vezes, a partir dessas contribuições, abriam-se novos caminhos ao já condicionado e não percebido pela proximidade/rotina dos processos escolares.

Em outro pólo desse diálogo crítico de consciências, emergem os acadêmicos da pós-graduação, talvez constituindo-se, sem que eles percebam, em pontos de equilíbrio aos trabalhos, tanto de análise dos PCNs quanto de construção do GTA. São professores tanto da escola quanto, temporariamente, enquanto não terminarem suas dissertações, da universidade. Esse privilégio permite-lhes entender, mediar, dosar esse confronto de *consciências* no GTA.

Colocando-se carinhosamente, não deixam que, por vezes, o basismo que a rotina injusta e *aulista* imposta pelas políticas não populares aos professores da escola seja a referência, simplificando as análises a partir apenas dos dados da realidade empírica da escola. Também recolocam as questões encami-

nhadas pelos professores universitários, por vezes impregnadas de erudição ou por contextos advindos de *desenhos teóricos*, fruto apenas de leituras que, por não sofrerem a censura da prática cotidiana escolar, nada mais são que erudições, que para nada servem.

Algumas Palavras para Finalizar

Esse é um dos múltiplos olhares que poderiam ser feitos sobre essa experiência de encontros de *consciências* para dialogarem criticamente sobre os PCNs, formando-se e informando mutuamente nesse processo, cuja referência é o cotidiano escolar. Dessa experiência que relatamos acima cabe ainda, antes de finalizarmos esse relato, reafirmar que, apesar de todas as salutares diferenças e conflitos que permeiam o processo de construção de um grupo, quando se tem um marco comum a unir os componentes certamente este se fortalecerá, consolidando-se.

Os componentes do GTA tiveram/tem na possibilidade de construção de uma sociedade/escola democrática o grande marco referencial a direcionar suas ações. Acreditam e, com suas ações, caminham na direção da construção de uma sociedade/escola a favor dos oprimidos, como nos ensinam tantos educadores, entre eles, de forma muito especial, o grande educador brasileiro Paulo Freire.

Diríamos que, se um texto vale pela multiplicidade de olhares que proporciona a quem o lê e, também por não haver texto sem contexto, o que descrevemos

até aqui foi uma tentativa de apresentar, *o mais real possível*, o contexto em que foi realizada a análise dos PCNs ao mesmo tempo em que vai sendo construído o GTA.

Reafirmamos, ainda, que nossa pretensão ao publicar esse relato é poder, ao socializá-lo com os colegas educadores, estimulá-los não só a tomarem o cotidiano escolar como referência para estudos sobre a escola, mas também desafiá-los a construírem outros grupos e parcerias onde professores de Educação Física da escola e da universidade, juntamente com acadêmicos, unam-se para dialogar sobre seus afazeres e gestarem, nesses encontros, projetos políticos pedagógicos democráticos e populares para a escola/sociedade.

Notas

- ¹ O NEPEF, Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física é constituído por professores e acadêmicos de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina que reúne-se para discutir, intervir e estudar questões pedagógicas da Educação Física, sobretudo a escolar.
- ² CDS/UFSC - Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina
- ³ Esse governo denominado *Governo da Frente Popular* é constituído inicialmente por uma coligação de oito partidos - PT, PDT, PSB, PCdoB, PCB, PV, PSDB, PSTU e PPS - os quais compuseram um programa de governo de teor progressista. O PSDB, já no primeiro ano de governo, abandona a coligação.

- ⁴ Rede Municipal de Florianópolis-SC.
- ⁵ A parceria entre o NEPEF/UFSC e escola/RMF desenvolveu-se ao longo dos anos de governo da Frente Popular (93-96).
- ⁶ PPB -Partido Progressista Brasileiro
- ⁷ Grupo de Estudos Ampliado, 1996.
- ⁸ Na obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa*, Paulo Freire alerta os educadores para o fato de não existir uma ruptura entre o saber popular (do cotidiano escolar) e o saber científico, mas sim a superação desses saberes, ao tornar o saber popular (do cotidiano escolar), saber desarmado, em saber epistemológico.
- ⁹ Quem interessar-se em conhecer o artigo produzido pelo GTA, ele encontra-se publicado no livro: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (ORG.). *Educação física escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações modismos e interesses*, p.87-112.
- ¹⁰ Aliás, seus pareceres foram muito pouco considerados na redação da versão final dos PCNs.
- ¹¹ Freire, 1992:152
- ¹² idem
- ¹³ idem
- ¹⁴ idem
- ¹⁵ Para Paulo Freire, a substantividade democrática radical do ato educativo é assumir a diretividade educacional do processo que implica, de um lado, jamais reduzir os demais agentes do processo a meras sombras, proibidos de voz, de outro, jamais anular a figura da liderança, transformando-o, assim, numa ausência presente. Freire, 1990:87
- ¹⁶ Freire, 1992:153

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicolau. *Iluminismo*. In. *Dicionário de filosofia*. 2.ed. São Paulo : Mestre Jou, 1982.
- COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (ORG.). *Educação física escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações modismos e interesse*. Ijuí : UNIJUÍ, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo, MACEDO, Donald. *Alfabetização. leitura do mundo - leitura da palavra*. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1990.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir et. al. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo : Cortez, 1995.
- GROSSI, Esther Pillare e BORDIN, Jussara. *Paixão de aprender*. Petrópolis : Vozes, 1992.
- Grupo de Estudos Ampliados de Educação Física. *Diretrizes curriculares para a educação física no ensino fundamental e na educação infantil da rede municipal de Florianópolis-SC*. Florianópolis : Ed. UFSC, 1996.
- SIMIONATTO, Ivete. *Gramsci sua teoria incidência no Brasil, influência no serviço social*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1995.